

EXPLORANDO POVOS PRIMITIVOS E CIVILIZAÇÕES EXTINTAS: ELEMENTOS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA MUSEOLÓGICA

por

Jorge F. Branco,¹
Manuela Cantinho,²
Carlos Ladeira,³
Fernando Santos⁴

I. INTRODUÇÃO

Uma das principais características dos museus etnográficos consiste na acumulação ao longo de decénios de conjuntos de artefactos, de proveniência diversa, e sobre os quais a documentação existente em arquivo é lacunar desde o início, se encontra dispersa ou se define pela ausência.

A situação prevalente em Portugal não constitui excepção. Embora o volume de informação e o número das colecções possa ser considerado baixo, se comparado com os efectivos reunidos em outros países, só um levantamento exaustivo acompanhado do incremento do estudo sistemático das peças isoladas referenciadas e dos acervos faculta um quadro útil à pesquisa no domínio da museografia etnológica.

Com a abertura ao público do Museu de Etnologia,⁵ foram montadas algumas exposições, cuja essência consistiu em apresentar sectores seleccionados

¹ ISCTE e Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT), Lisboa.

² IICT, Lisboa.

³ Museu Nacional de Etnologia, Lisboa.

⁴ IICT, Lisboa.

⁵ Na fase de desenvolvimento do projecto e da montagem da exposição a que se refere este artigo, o Museu de Etnologia constituía uma unidade de investigação dependente do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT). Mais tarde o enquadramento institucional viria a ser alterado (Decreto-Lei 248/89 de 8 de Agosto, DR nº 181, 1ª série), criando-se o Museu Nacional de Etnologia.

do seu espólio, sendo a diversidade geográfica talvez o principal critério seguido.

No intuito de alterar esta perspectiva centrada nas mostras de artefactos não-europeus, e para que as exposições passassem igualmente a reflectir um prolongamento de projectos de investigação programados em torno dos acervos disponíveis, ou de temáticas definidas, tentou-se modificar alguns pressupostos. Este artigo pretende abordar algumas questões em torno dessa experiência⁶.

A colecção da Melanésia da Universidade do Porto reunia à partida as condições adequadas. De dimensão reduzida (aproximadamente uma centena de objectos), sugerindo homogeneidade em relação ao período provável de integração na instituição a que pertence, e remetendo para uma área geográfica muito pouco representada nos museus etnográficos portugueses. Nestes predominam as colecções recolhidas nas ex-colónias africanas. Em último lugar, a abordagem deste acervo dos Mares do Sul criava uma modalidade de cooperação entre instituições, em moldes mutuamente vantajosos.

A. OBJECTIVOS DA EXPOSIÇÃO

1. GERAIS

Dar seguimento ao enunciado anterior, apresentado pela primeira vez ao público um acervo etnográfico oriundo do Pacífico Ocidental, para assim despertar interesse por uma área geográfica pouco conhecida. A divulgação de um património inédito constituiria um objectivo de carácter global, encarado como resultante duma articulação entre planos de investigação científica e o desenvolvimento de acções de divulgação cultural.

2. INSTITUCIONAIS

Alargar e aprofundar a sistematização do conhecimento em torno do mundo tropical, introduzindo na discussão elementos específicos de uma grande região insular; deste modo, contribuir para o alargamento e diversificação do quadro de comparação. Finalmente, o estímulo à reflexão orientada para aspectos menos debatidos na comunidade científica nacional.

⁶Trata-se da exposição «Artefactos Melanésios: reflexões pós-modernistas», que esteve patente ao público de Março a Dezembro de 1989.

3. CIENTÍFICOS

No plano científico considerou-se pertinente equacionar uma temática de conteúdo múltiplo. Ao desenvolver uma pesquisa no domínio da museografia etnológica, pretendeu-se não só produzir um trabalho concreto neste âmbito (documentação, comparação e estudo duma colecção etnográfica), como ainda estruturar uma acção de acordo com preceitos metodológicos definidos. Partindo da sistematização comparada dos artefactos, importava verificar quais as relações existentes entre o discurso científico elaborado, o contexto de recolha e o papel social da produção de teoria.

Resumindo, ao visitante deveria ser proporcionada uma oportunidade de percorrer um trajecto encenado, onde o exótico pelo espaço e o desconhecido pelo tempo, se conjugariam, suscitando interrogações válidas no presente.

II. CONCEPÇÃO DA EXPOSIÇÃO

O quadro conceptual da exposição resultou do projecto de investigação (IICT 1989: 538, 1990: 540). Dele derivaram a proposta de leitura dos artefactos e o itinerário. O título definitivo adoptado «Artefactos melanésios: reflexões pós-modernistas» manifesta a principal intenção subjacente à pesquisa desencadeada em torno da colecção etnográfica. O propósito de encenação expositiva esteve presente desde o início. Ele reflecte-se na opção de apresentação e interpretação.

A. PLANEAMENTO

Da discussão dos resultados do projecto, surgiu a ideia de explorar os elementos constituintes do espaço interno dum navio, como elemento aglutinador da linguagem expositiva; ao mesmo tempo, trata-se de um traço caracterizador do espírito da época a que se reporta a colecção. Pretendeu-se confrontar o visitante com alguns contrastes da viragem do século. A do recolha património de povos testemunhando a Idade da Pedra implicava o recurso às mais recentes conquistas da modernidade. Paquetes a vapor atravessavam o Pacífico tentando minar de civilização ocidental os pequenos pontos, que lhe serviam de escala nas rotas transoceânicas. O tratamento do espaço expositivo é uma alusão ao interior dum navio. O sector documental reconstitui o convés, pelo qual o visitante entra para bordo; à sua direita encontra a informação sobre a viagem imaginária

que se propõe realizar (cf. 0.1. a 0.6.), à esquerda, uma sucessão de painéis separados por frestas, podem invocar uma visão para um litoral ou uma margem de rio. Este acesso a um horizonte insinuado deixa entrever, no nível mais baixo da restante área da sala, uma panorâmica sobre a disposição da quase totalidade dos artefactos. O lado esquerdo do corredor inicial sugere o casco do navio; uma fotografia (40 x 50) posta em cada um dos painéis referidos, mostra a diversidade dos tipos humanos na Melanésia, patenteada nos belos atlas etnográficos, organizados como álbuns fotográficos, publicados na época (Neuhauss 1911, etc.). A iluminação produz uma clarabóia envolvendo individualmente cada ampliação.

De facto, nos diários, relatórios e apontamentos, os exploradores queixavam-se da indiscreta e constante observação a que os nativos os submetiam, furtando-lhes os escassos momentos de intimidade a bordo. Vinham nas suas canoas, encostavam aos navios e penduravam-se para ver atentamente o que se desenrolava no interior.

O percurso pelos objectos mantém esta tónica. Os cantos da sala foram arredondados, recordando a chapa dos barcos, os pilares transformaram-se nas colunas que sustentam os decks e ocultam os respiradores, a parede em L, levantada para manter em segredo o tempo do itinerário (crânio sobremodelado), destinam-se a acentuar a ambientação pretendida.

Para reforçar a dramatização, escolheu-se uma banda sonora montada na base de trechos extraídos de «Obscured by Clouds», dos Pink Floyd, conjugados com extractos musicais gravados na Melanésia⁷.

1. ITINERÁRIO

Dada a importância concedida ao contexto de recolha e à originalidade da formação da colecção, o seu historial foi inserido como início do itinerário, internamente designado como sector documental. Nesta área, e por meio de textos, mapas e fotografias da época, o visitante deveria ser introduzido nos problemas, com que se haviam debatido os etnólogos, na viragem do século, e os investigadores envolvidos no projecto.

⁷O trabalho da montagem musical esteve a cargo de José Pedro Caiado.

a) Secção O. O: Documental

Painel de texto:

0.1. Gentes da Idade da Pedra.

A Melanésia é formada pela ilha da Nova Guiné — a segunda maior do mundo, com cerca de 800 mil quilómetros quadrados — e pelos grupos insulares conhecidos como arquipélago de Bismark, ilhas de Salomão, Vanuatu e Nova Caledónia.

As relações que se iam estabelecendo entre Europeus e os diversos povos melanésios e papuas foram importantes para o desenvolvimento do discurso etnográfico e o seu aprofundamento através da ênfase em temáticas novas. À organização das sucessivas missões científicas presidia a consciência de que um mundo recém-descoberto se iria rapidamente perder.

Foram consideradas prioritárias as recolhas de cultura material, dadas as transformações desencadeadas pela presença ocidental: conversão ao cristianismo, introdução de objectos de metal, alteração das relações políticas intertribais.

Legendas das fotografias:

— Cerimónia realizada na ilha da Nova Bretanha. Início da presença alemã na Melanésia (1884-1914).

— Navio adquirido em 1884 por O. Finsch na Austrália e que serviria para a Alemanha apoderar-se de territórios na Melanésia.

Um mapa de 1864 representando as áreas conhecidas da ilha da Nova Guiné. O espaço inexplorado viria a ser colónia alemã.

Painel de texto:

0.2. A ocupação europeia.

Ao longo do século XIX, potências, tais como a Holanda, a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha, foram repartindo entre si a Melanésia. Os objectos patentes nesta exposição são oriundos do território então ocupado por este último país (1884-1914).

Posteriormente a região esteve sob tutela australiana, para ser integrada, em 1975, no novo Estado independente da Papuásia-Nova Guiné (PNG).

Embora o contacto das populações locais, especialmente as insulares, com os Europeus, date de épocas anteriores, extensas zonas no interior permaneceriam desconhecidas e inexploradas. Os primeiros representantes do mundo dos brancos a fixarem-se como residentes são missionários e alguns comerciantes que, esporadicamente, vinham trocar mercadorias e angariar mão-de-obra para as grandes companhias concessionárias.

Legendas das fotografias:

— A presença permanente de missões religiosas data de finais do século XIX. Missionários católicos rivalizavam com os protestantes na conquista das populações da Nova Guiné. A sua influência superava a das autoridades coloniais.

Painel de texto:*0.3. Comparar áreas culturais.*

Das várias expedições com objectivos marcadamente etnológicos levadas a cabo pelos alemães através do território onde exerciam soberania, destaca-se a Hamburgische Suedsee-Expedition, realizada em 1908-10. A sua finalidade consistia em fazer um levantamento global da cultura melanésia, comparando-a à da Micronésia. Este enunciado reflectia a preocupação de, através de materiais antropológicos e etnológicos, reconstituir o passado dos povos iletrados.

Foi um arrojado empreendimento científico organizado pelo Museu Etnológico de Hamburgo, tendo sido postos à disposição dos cientistas os mais avançados meios de apoio existentes na época.

Trechos dos filmes então rodados podem ser vistos nesta exposição.

Legendas das fotografias:

— Richard Neuhauss percorreu a Nova Guiné alemã reunindo materiais para o Museu de Berlim (1909). Na foto a sua pequena expedição no rio Markham.

— Os membros da Deutsche Marine Expedition (D.M.E), uma missão dedicada ao estudo etnológico da ilha da Nova Irlanda (1909).

— O navio hidrográfico da Armada alemã 'Planet' foi a base de apoio para os trabalhos da D.M.E.

Painel de texto:*0.4. A surpresa dum terra incógnita*

O rio Sepik constitui a via de penetração no interior da Nova Guiné, a partir da costa norte.

Tem cerca de 1200 quilómetros de extensão e é navegável num terço do seu curso.

A principal tarefa da Sepik-Expedition — efectuada em 1912-13 e promovida pelo Museu de Etnologia de Berlim — foi o reconhecimento geográfico da vasta bacia hidrográfica, a fim de permitir o levantamento antropológico e etnológico das populações, temidas por serem caçadores de cabeças, canibais, mas também grandes artistas. Para muitas das tribos, os cientistas eram os primeiros brancos que se lhes deparavam.

Os resultados alcançados foram um êxito. As colecções etnográficas reunidas revelavam à comunidade científica uma das áreas dos Mares do Sul inesperadamente mais interessantes, e por isso, estimulante para a pesquisa posterior.

Uma série de peças apresentadas nesta exposição formam parte do espólio recolhido por esta expedição.

Legendas das fotografias:

— A Expedição ao Sepik: A. Roesicke tirando fotografias em Wogumasch, alto Sepik.

— Os exploradores da Expedição ao Sepik: de pé, à esquerda, A. Roesicke e, à direita, R. Thurnwald, os dois etnólogos desta missão.

— Uma missão procedeu ao levantamento da fronteira germano-holandesa percorrendo parcialmente o rio Sepik. Recolheram-se elementos de interesse etnográfico, como esta habitação construída sobre uma árvore.

Painel de texto:

0.5. A troca generalizada

1885-1913:

Recolhidos na Melanésia os artefactos que integram a colecção e remetidos gradualmente para o Museu de Etnologia de Berlim.

1914:

Início da Primeira Guerra Mundial.

23/02/1916:

Portugal procede ao apresamento dos navios mercantes alemães refugiados em portos portugueses. O vapor «Cheruskia», surto no Tejo, transporta os resultados de importantes escavações arqueológicas feitas no Iraque por especialistas de Berlim. A carga retida é depositada na alfândega de Lisboa.

09/03/1916:

A Alemanha declara o estado de guerra a Portugal.

24/05/1916:

Através do embaixador espanhol em Lisboa, o governo alemão propõe às autoridades portuguesas suportar os encargos de conservação da colecção arqueológica apreendida.

15/09/1916:

O embaixador britânico em Lisboa comunica ao governo português o interesse da Grã-Bretanha nas antiguidades assírias.

1918:

Fim da Primeira Guerra Mundial.

08/06/1922:

O ministro da Instrução ordena o envio da colecção para a Universidade do Porto, visto nenhum dos museus de Lisboa dispor de capacidade para a albergar.

02/08/1926:

Após autorização do governo português, o vapor alemão «Weser» carrega no porto do Douro a totalidade da colecção assíria, com destino a Berlim via Hamburgo.

Janeiro de 1927:

Os Museus de Berlim remetem à Universidade do Porto compensação variada, que inclui a presente colecção etnográfica da Melanésia, composta de peças repetidas.

Legendas das fotografias:

— A Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, nos anos 30.

— A colecção etnográfica exposta vinha integrada na remessa anunciada neste telegrama oficial.

— O edifício do Museu de Etnologia de Berlim, em 1926.

— Lista das peças repetidas da colecção da Melanésia seleccionadas em Berlim, a fim de serem enviadas para Portugal.

Painel de texto:

0.6. Objectivos da Exposição

O conjunto etnográfico exposto pode ser visto como um caso paradigmático numa perspectiva de análise etnográfica, histórica e institucional. Estas componentes, extraídas dos artefactos, permitiram reencená-los no presente, recuperando-lhes o passado e incutindo-lhes uma nova mensagem. Eis as tarefas que nos propusemos concretizar com a apresentação desta colecção da Melanésia.

Para realçar o espírito da época que representam — finais do século passado até às vésperas da Primeira Guerra Mundial — as peças foram contextualizadas com material fotográfico e espólio

documental originais, de forma a reinseri-las no quadro em que foi feita a sua recolha no Pacífico ocidental.

É um convite para um itinerário quase perdido, porque distanciado pelo tempo volvido, e misterioso pelas facetas inesperadas que deixa entreabertas.

Fotografia: Cerimónia nocturna na Nova Bretanha (ampliação de grande dimensão)

Objectos: 1

Máscara: 1

(84.01.052) [1]⁸

Fotografia: Grupo de Papuas (ampliação de grande dimensão)

Comentário: A configuração do espaço não suportava a peça inicialmente prevista (1), tornando necessária a substituição por uma fotografia ocupando toda a parede. Ela serviria para reforçar o ambiente de presença humana neste sector documental, obrigando o visitante a seguir o percurso estabelecido. A diferença de nível da sala (pequena escada) foi aproveitada para separar os artefactos das pistas por eles deixadas nos arquivos.

b) Secção 1.0.: Masculino, Feminino e Ornamento.

Fotografia: Homem com barrete de guerreiro (ampliação de grande dimensão)

Comentário: Esta ampliação tinha uma função complementar à anterior. Enquanto o itinerário até este ponto consistia em percorrer o corredor construído a partir da entrada na exposição, o acesso visual aos artefactos passava a obedecer a um percurso orientado no sentido dos ponteiros do relógio.

Painel de texto:

Os objectos de adorno ou de uso pessoal desta secção provêm, fundamentalmente, do nordeste da Nova Guiné, incluindo o rio Sepik; um ou dois deles são oriundos das ilhas. Na altura em que esta colecção foi reunida — antes da introdução, por parte dos missionários, de indumentária de estilo europeu —, pouco vestuário era usado. Não obstante, prestava-se bastante atenção ao adorno e à decoração do corpo, como parte da identidade pessoal. A cabeça constituída um importante

⁸ () nº de inventário, [] nº para legendagem na exposição.

espaço de decoração, podendo também implicar e prestígio. Os tubos trançados eram um tipo de adorno adoptado durante a fase final da iniciação, e usavam-nos os homens adultos na área do estuário do Sepik. O barrete de guerreiro proveniente da Península de Huon podia também registar feitos de que se orgulhasse quem o ostentasse.

Nalgumas partes da Nova Guiné, os homens consideravam poluentes as mulheres e a respectiva indumentária, temendo perder a força, se tivessem contacto com as secreções femininas e, em particular, com o sangue menstrual. Este fenómeno está ligado ao poder reprodutivo das mulheres que os homens não conseguem emular, a não ser através da aquisição do poder ritual. As ansiedades em torno da poluição feminina não são ubíquas nem são, quando ocorrem, uniformes.

A iniciação masculina tenta contrabalançar o poder das mulheres subtraindo os rapazes à companhia das mães, purificando-os assim dos efeitos dos contractos tidos com as mulheres desde o nascimento, e assegurando um crescimento saudável. Os homens podiam ainda tentar enganar, impressionar ou amedrontar as mulheres em graus variáveis, dependendo do realce dado à solidariedade masculina ou às diferenças de estatuto inter-masculino. Pressupõe-se que a superioridade masculina reside numa capacidade de assumir identidades sobrenaturais e subjugar os poderes sobrenaturais, corporizados nas máscaras, indumentária, imagem e outros atavios cerimoniais.

Objectos: 35

Adornos peitorais: 2

(84.01.008) [20]

(84.01.069) [24]

Almofarizes: 1

(84.01.045) [34]

Aventais: 2

(84.01.044) [28]

(84.04.002) [29a]

Barretes: 1

(84.01.021) [13]

Braçadeiras: 4

(84.01.007) [21]

(84.01.010) [22]

(84.01.036) [23]

(84.03.007) [25]

Cabaças para cal: 3

(84.01.039) [14]

(84.02.005) [15]

(84.01.064) [16]

Capas de chuva: 1

(84.01.062) [35]

Chocalhos de dança: 1

(84.01.008) [19]

Colares: 1

(84.04.005) [17]

Coroas: 1

(84.04.006) [18]

Fitas frontais: 3
 (84.01.009) [10]
 (84.01.070) [11]
 (84.01.074) [12]

Pentes: 5
 (84.01.014) [2]
 (84.01.015) [3]
 (84.02.006) [4]
 (84.02.008) [5]
 (84.05.001) [6]

Sacos de rede: 14
 (84.01.003) [30]
 (84.01.049) [31]
 (84.01.063) [32]
 (84.01.065) [33]

Saiotes: 3
 (84.01.043) [26]
 (84.01.066) [27]
 (84.04.001) [29]

Toucados: 1
 (84.01.026) [9]

Tubos trançados: 2
 (84.01.025) [7]
 (84.01.075) [8]

c) Secção 2.0.: Espaços cerimoniais e de habitação.

Painel de texto:

Os exploradores alemães ficavam estupefactos com as grandes casas cerimoniais, maravilhosamente decoradas, com que depararam ao longo do rio Sepik. Eram, pelos vistos, apenas utilizadas por homens.

Casas de assembleia existiam zonas da Melanésia e, ainda que não fossem tão esplendorosas como as do Sepik, representavam uma esfera masculina, distinta do respectivo contexto doméstico e dos afazeres das mulheres. Por vezes os homens e os rapazes mais velhos dormiam e comiam em conjunto nestes espaços, num permanente estado de alerta contra qualquer ataque. No entanto, a preocupação com os efeitos adversos de um contacto demasiado frequente com as mulheres também fazia parte do quadro ideológico de referência nesta prática. Em certas áreas, como na Baía do Astrolábio, construía-se casas de culto no bosque, diferentes das dos homens.

A iniciação masculina constituía uma das actividades mais importantes ligadas à casa cerimonial. Pinturas sobre entrecasca, semelhantes às aqui expostas, serviam em alguns casos para decorar as construções cerimoniais do Sepik. Efectuavam-se intervenções sobre o corpo, e os noviços eram iniciados nos mistérios dos instrumentos musicais secretos.

As acções violentas, espectaculares e empolgantes, associadas a algumas das casas cerimoniais — por exemplo, entre os Iatmul — contrastam com a vida doméstica das de habitação, e com a autoridade que as mulheres tendiam a exercer neste espaço. Encontram-se expostos vários objectos decorados destinados ao uso doméstico: apoios de nuca e utensílios culinários; loiça, recipientes de madeira e de noz de coco escavada; cestos e ganchos.

Fotografia: Casa cerimonial do Sepik (ampliação de grande dimensão)

Objectos: 41

Apoios de nuca: 7 (84-01-035) (39) (84-01-019) (40) (84-01-024) (41) (84-01-012) (42) (84-01-013) (43) (84-01-011) (44) (84-05-003) (45)	Armadilha para tubarões: 1 (84.03.001) [67,68]
Bastões de dança: 1 (84.01.032) [71]	Cestos: 3 (84.02.001) [52] (84.02.009) [53] (84.05.002) [54]
Concha de sagueiro: 1 (84.01.018) [57]	Espadas marinheiro: 1 (84.04.013) [70]
Espátulas: 1 (84.01.072) [56]	Ganchos: 2 (84.01.017) [58] (84.01.060) [59]
Implementos (machados): 4 (84.01.055) [60] (84.04.004) [61] (84.04.003) [62] (84.02.002) [63]	Livika: 1 (84.03.003) [72]
Nozes de coco: 3 (84.01.040) [49] (84.01.041) [50] (84.04.007) [51]	Ornamentos de canoa: 2 (84.02.003) [65] (84.02.007) [66]
Pinturas sobre sagueiro: 2 (84.01.050) [36] (84.01.051) [37]	Postes sepultura: 1 (84.02.011) [38]

Recipientes diversos: 3	Remos: 1
(84.01.001) [46]	(84.02.004) [64]
(84.01.002) [47]	
(84.01.033) [48]	
Tambores: 4	Tigelas: 1
(84.03.002) [73]	(84.01.073) [69]
(84.01.059) [74]	
(84.01.058) [75]	
(84.01.061) [76]	
Triturador de vegetais: 1	Vertedouros: 1
(84.01.020) [55]	(84.01.027) [63a]

d) Secção 3.0.: Máscaras e Imagens.

Painel de texto:

Os Melanésios utilizavam as máscaras e as imagens para diversos fins. Podem servir para amedrontar ou intimidar os noviços e as mulheres ou para incutir substância aos espíritos normalmente invisíveis, permitindo que os seres humanos se socorram do poder sobrenatural com que transformam as relações sociais humanas. Fora do contexto de representação para que tinham sido feitas, muitas máscaras perdiam o poder e, logo, a significação.

O mesmo princípio se aplica a muitas das imagens produzidas para momentos determinados da vida dos Melanésios. As esculturas malanggan esculpiam-se segundo modelos que «pertenciam» a grupos e indivíduos da Nova Irlanda setentrional. Quando os ciclos de troca, realizados durante os actos de celebração dos defuntos, atingem o auge, são relevadas e depois postas de parte.

Fotografia: Máscara colectiva do Sepik (ampliação de grande dimensão)

Objectos: 17

Imagens: 11	Máscaras: 6
(84.01.031) [82]	(84.01.052) [1]
(84.01.056) [83]	(84.01.046) [77]
(84.07.003) [84]	(84.01.042) [78]
(84.01.053) [85]	(84.01.047) [79]
(84.01.022) [86]	(84.01.048) [80]

(84.01.023) [87]	(84.01.004) [81]
(84.04.011) [88]	
(84.02.010) [89]	
(84.03.004) [90]	
(84.03.005) [91]	
(84.03.008) [92]	

e) Secção 4.0.: Apetrechos de guerra.

Painel de Texto:

Uma parte considerável dos artefactos criados pelos Melanésios e diligentemente recolhidos pelos alemães e por outros europeus na viragem do século, está ligada à actividade bélica.

Matar constituía parte crucial do processo de se tornar homem: era base do orgulho e fonte de poder. A pacificação e a interdição da caça às cabeças, imposta pelas autoridades australianas, desestabilizaram o equilíbrio de forças entre grupos locais, além de ter posto em causa uma premissa fundamental do «ethos» masculino. Entre os apetrechos de guerra expostos encontram-se armas defensivas — um grande número de escudos — e ofensivas.

No rio Sepik, não eram só as cabeças dos inimigos que eram remodeladas e decoradas deste modo, mas também as dos falecidos.

O crânio remodelado representa um dos espólios de guerra.

Talvez a destilação do poder inimigo e ancestral para os vivos não esteja mais assumidamente exemplificada do que na troca que faziam destas cabeças por artigos trazidos pelos grupos visitantes compostos por cientistas e comerciantes alemães.⁹

Fotografia: Manejo do propulsor de dardos (ampliação de grande dimensão)

Objectos: 17

Clavas: 3	Couraças: 1
(84.03.006) [103]	(84.01.054) [94]
(84.04.008) [104]	
(84.04.010) [105]	

⁹ Os painéis de texto 1.0 a 4.0 são da autoria de M. Bouquet, traduzidos por J.M. Carvalho.

Crânios remodelados: 1	Escudos: 8
(84.01.071) [109]	(84.01.067) [93]
	(84.01.029) [95]
	(84.01.016) [96]
	(84.01.030) [97]
	(84.01.028) [98]
	(84.01.057) [99]
	(84.04.012) [100]
	(84.01.038) [108]
Propulsores de dardos: 2	Punhais: 2
(84.01.034) [106]	(84.01.006) [101]
(84.01.068) [107]	(84.01.037) [102]

Comentário: A distribuição das peças ao longo do itinerário implica níveis de densidade muito variáveis. Enquanto os artefactos reunidos nas secções 1.0., 2.0. e particularmente os da 3.0., dada a suas dimensões reduzidas, permitem concentrações elevadas, a secção 4.0. obriga a uma diluição pelo espaço expositivo disponível. A divisão entre cada secção de objectos foi feita através dum painel de texto e de uma fotografia.

III. ASPECTOS ORNAMENTAIS

A listagem das despesas, discriminadas em termos de percentagem do total dispendido com a concepção e realização da exposição, proporciona elementos analíticos essenciais no planeamento e na gestão da actividade museológica:

Catálogo ¹⁰	69,2 %
Guia	1,9 %
Cartaz	4,2 %
Deslocações	3,0 %
Carpintaria	2,3 %
Ampliações	8,3 %
Diversos	6,2 %

¹⁰ A tiragem do catálogo e do guia de 2000 exemplares cada, a do cartaz de 300.

Traduções	1,9 %
Acrílicos	3,0 %
TOTAL	100,0 %

Comentário: Esta estrutura de custos traduz a orgânica do funcionamento da instituição. Na medida em que não são devidos honorários aos autores dos textos do catálogo, visto se tratar de resultados de investigação, de existir um fotógrafo e designer do museu, ficam suprimidos encargos consideráveis. Por outro lado, a colaboração pontual desenvolvida com a instituição proprietária da colecção, permitiu realizar a exposição sem despesas de transporte, pois a contrapartida foi o restauro das peças, realizado no Museu de Etnologia. Estamos perante um tipo de investimento em património difícil de calcular, em termos de orçamentação duma exposição. Regra geral, figura no domínio da conservação do espólio.

Pode-se assim concluir que a qualificação do pessoal técnico existente no museu e a sua longa experiência anterior, permitiram a realização duma acção de divulgação cultural de complexidade considerável, nomeadamente no que respeita o seu entrosamento com os resultados obtidos pela equipa de investigadores. A realização programada da exposição daí decorrente, incidindo sobre uma área pouco divulgada junto do público interessado em museus etnográficos, além de tratar dum acervo inédito, reduziu para verbas pouco significativas as despesas necessárias. O peso orçamental do catálogo, do guia e do cartaz revelam um contexto específico numa instituição museológica, em que pequenos projectos podem atingir alta eficácia, desde que esteja disponível uma infra-estrutura técnica aceitável. Estes factores podem então conjugar-se, permitindo que grupos de trabalho produzam resultados programáveis e susceptíveis de inserção num contexto de produção científica.

IV. ANTROPOLOGIA E O PÚBLICO

A relação entre o museu etnográfico e o público desempenha um papel essencial na legitimação da instituição em questão, independentemente do seu enquadramento ou articulação orgânica nas esferas da Ciência e/ou da Cultura.

Neste ponto reúnem-se alguns materiais que possam servir para uma avaliação da eficácia do discurso museológico elaborado e da linguagem expositiva produzida.

Três níveis serão focados.

Em primeiro lugar o papel do catálogo (Bouquet [org.] 1988). Trata-se de uma publicação que a maioria do público não adquire, escapando-lhe a infor-

mação sistematizada e pormenorizada, assim como os resultados circunstanciados da investigação. O seu manuseamento durante a visita à exposição é sempre pouco cómodo.

Daí a necessidade de criar um instrumento informativo alternativo, num formato de bolso, apropriado para grande circulação, dentro e fora do museu. O guia elaborado contém os elementos do catálogo descritivo, permitindo uma melhor identificação das peças observadas durante a visita à exposição; por outro lado, havia que criar um estímulo ao visitante para conservá-lo, uma vez saído do museu. Reproduções de alguns dos artefactos (imagem [87] e crocodilo [82], do rio Ramu e do Sepik respectivamente), podem auxiliar a memorização da ida à exposição. A fim de proporcionar um enredo e um sentido de leitura global do conjunto etnográfico exposto, procurou-se sintetizar os passos empreendidos durante a pesquisa para a identificação dos objectos. Pretendeu-se deste modo motivar o visitante, fazendo-o participar passivamente num processo investigativo de sabor policial.

Historial da Colecção¹¹.

Constituindo património da Universidade do Porto desde há várias décadas, a colecção etnográfica da Melanésia, agora apresentada pela primeira vez ao público, só em fase recente foi submetida a estudo.

No começo da investigação existiam unicamente alguns dados incertos, quando muito susceptíveis de serem encarados como meras hipóteses sobre a sua origem e a sua chegada a Portugal. Um inventário com duas cotas para cada peça, a respectiva designação e procedência geográfica eram os elementos escritos disponíveis. Aos objectos estavam apenas etiquetas.

Confrontando estes suportes de informação, foi possível verificar alguns artefactos a existência de uma segunda etiqueta, preenchida a lápis, quase apagada pelo tempo transcorrido. Decifradas a custo, obteve-se um conjunto de indicações redigidas em alemão, que se reportavam a expedições, a localizações geográficas ou simplesmente a números. A primeira conclusão tirada foi a de relacionar a colecção com a Alemanha, sendo legítimo supor que tivesse entrado em Portugal durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Contudo, buscas sistemáticas nos arquivos com espólio desta época revelar-se-iam inconclusivas.

Restava, como única via, indagar os misteriosos artefactos. Era necessário reunir o maior número possível de dados sobre pesquisas etnográficas empreendidas por cientistas alemães durante o período da presença colonial da Alemanha na Melanésia (1884-1914).

A análise dos relatórios publicados em forma de livro ou em artigos de revistas foi fundamental para estudar os resultados obtidos por onze missões científicas. O retorno à literatura antropológica do passado permitiu identificar quase duas dezenas de peças como resultantes das recolhas efectuadas pelos membros das referidas expedições. Podia-se agora não só aplicar o selo «made in Germany» aos enigmáticos artefactos, como também enquadrá-los na época e nas respectivas condições de recolha. O passo seguinte deveria, por conseguinte, consistir em tentar averiguar a forma de encaminhamento da colecção para Portugal, excluídas já anteriormente as circunstâncias ligadas à Primeira Guerra Mundial.

O facto acima mencionado de a cada peça terem sido dadas duas cotas não deixava de parecer estranho, embora a informação escrita proveniente da Universidade do Porto as atribuísse

¹¹ Texto de J.F. Branco.

à trajectória dos objectos dentro desta instituição: primeiramente integrados na antiga Faculdade de Letras, mas em 1940 confiados ao Instituto de Antropologia. Enquanto uma havia adoptado um sistema de numeração composto por algarismos romanos e árabes, o segundo recorreu a um critério decimal. No entanto, a aridez aparente dos números deixava escapar pistas, transparecendo a pouco e pouco uma lógica.

O Instituto de Antropologia elaborara séries distinguindo as grandes regiões da Melanésia: Nova Guiné continental e insular, Ilhas de Salomão, Nova Irlanda, Nova Bretanha, Ilhas do Almirantado. Qual seria então o método subjacente à inventariação feita na antiga Faculdade de Letras do Porto?

A listagem destas últimas cotas pela sua ordem crescente, o confronto com as etiquetas alemãs ainda apenas e a análise da sucessão cronológica das expedições, transformam num diálogo com os artefactos melanésios o que até aí não passava de um teimoso monólogo. O inventário havia sido adoptado de outra instituição, forçosamente de um museu alemão, onde em algum momento tinham dado entrada.

Atendendo à cronologia das missões científicas, tornou-se plausível fazer incidir as suspeitas sobre o Museu de Etnologia de Berlim, visto ele figurar como patrocinador de quase todas as campanhas ligadas a recolhas etnográficas. O estudo dos catálogos descritivos editados por este organismo não só veio confirmar esta suposição, na medida em que o sistema de inventariação era o mesmo, como permitiu encaixar as cotas da Faculdade de Letras nas séries do importante espólio da Melanésia nele existente. A leitura de um artigo publicado em 1911 na revista do museu, o «Baessler-Archiv», dissiparia definitivamente quaisquer outras dúvidas. Uma das peças apresentadas e discutidas — a máscara yimar — é a que integra a colecção do Porto, conforme se pode confirmar através da cota. Este artefacto transformou-se na mascote do presente projecto de pesquisa etnomuseológica e da própria exposição, daí merecer figurar na capa do catálogo e no cartaz.

O diálogo encetado com as peças etnográficas retirou-as de um sono e do etorpeciamento. Faltava reencontrar o passaporte que as acompanhara na viagem de Berlim a Portugal, e restituir-lhes o bilhete de identidade legitimador do seu aporuguesamento na Universidade do Porto.

Se na fase preliminar da pesquisa se havia transitado dos arquivos para os artefactos, impunha-se neste momento inverter o percurso. A documentação encontrada é inequívoca. A colecção melanésia chegou em Janeiro de 1927 ao Porto, fazendo parte de uma remessa de peças repetidas existentes nos diversos departamentos dos Museus de Berlim. Em Julho do ano anterior, o Governo Português havia autorizado o repartimento para a capital alemã de uma grande colecção arqueológica de assíria de excepcional importância científica — o resultado de dez anos de escavações na Mesopotâmia — e que, quando da entrada de Portugal na Guerra (1916), se encontrava a bordo de um vapor apresado no porto de Lisboa. Os artefactos melanésios constituem uma pequena parcela dos termos acordados para a troca.

A repercussão nos meios de comunicação social verificou-se tanto na imprensa escrita diária¹², na de periodicidade semanal¹³, na mensal¹⁴, como na televisão¹⁵.

No âmbito científico, o catálogo foi alvo de recensões críticas em revistas da especialidade (Peltier 1989, Kahn 1990).

Sobre as visitas guiadas efectuadas não se encontra ainda tratada a informação compilada.

¹² Em 1989: O Século (19/5), Correio da Manhã (25/4), A Capital (29/3), O Diário (27/3).

¹³ Em 1989: O Independente (31/3), Expresso (29/4); em 1990: Sábado (27/1).

¹⁴ Em 1989: Mulher Moderna, nº 8, Homem Magazine, nº 2, Colóquio/Artes, nº 81.

¹⁵ RTP, programa matinal de 13/06/89, cerca de 9' dedicados.

Em conclusão, pode-se afirmar que a imprensa escrita reagiu pela projecção que tem a instituição, onde se realizou a exposição. Os jornais diários focaram sobretudo a trama histórica da colecção, enquanto os semanários preferiram as apreciações críticas mais alongadas, detendo-se pormenorizadamente na discussão dos resultados finais deste projecto de museologia etnográfica.

V. BIBLIOGRAFIA

- BOUQUET, Mary: (1990) «On Labelling: Ethics and Aesthetics*» *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 30, 1-4:31-43
- BOUQUET, Mary [org.] (1988) *Artefactos Melanésios: reflexões pós-modernistas, Melanesian Artefacts: postmodernist reflections*. Lisboa: IICT Museu de Etnologia.
- BOUQUET, Mary & Jorge F. Branco (1988) «Artefactos Melanésios: reflexões pós-modernistas» in: Bouquet [org.] 1988: 21-145.
- CANTINHO, Manuela (1990) *Museus e Informática*, Lisboa: IICT.
- IICT (1989) *Anuário de Actividades do Instituto de Investigação Científica Tropical 1988*, Lisboa: IICT.
- IICT (1990) *Anuário de Actividades do Instituto de Investigação Científica Tropical 1989*, Lisboa: IICT.
- KAHN, Miriam (1990) «Recensão...» *Man*, 25,2: 357-358.
- KLEIN, Larry (1986) *Exhibits: Planning and Design*, Nova Iorque: Madison Square Press.
- NEUHAUSS, Richard (1911) *Deutsch Neu-Guinea*, Berlim: Reimer
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1971) *Apontamentos sobre Museologia*, *Museus Etnológicos*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar (= *Estudos de Antropologia Cultural*, 7).
- PELTIER, Philippe (1989) «La Mélanésie redécouverte» *Gradhiva*, nº 7: 97-100.
- POEHLMANN, Wolfer (1990) *Ausstellungen von A bis Z. Gestaltung, Technik, Organisation*. Berlim: Gebr. Mann Verlag (= *Berliner Schriften zur Museumskunde*, 5).
- RIVIÈRE, Georges-Henri (1989) *Cours de Muséologie*, Paris: Dunod.

* «On Labelling: The Ethics and Aesthetics of Amnesia».

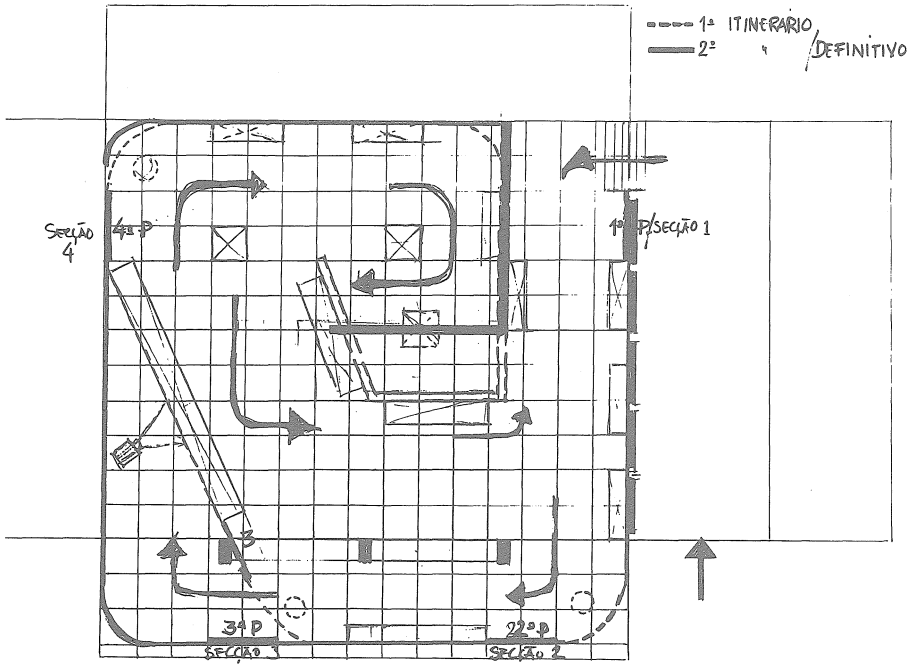


Fig. 1 — Projectos de itinerários.

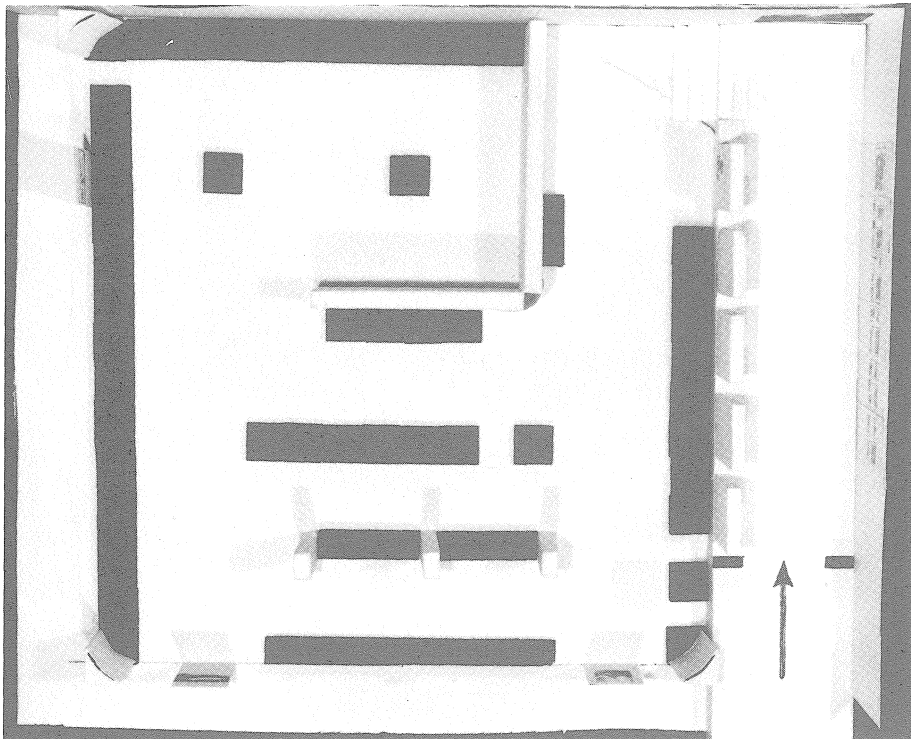


Fig. 2 — Maquete-planta: vista de cima.

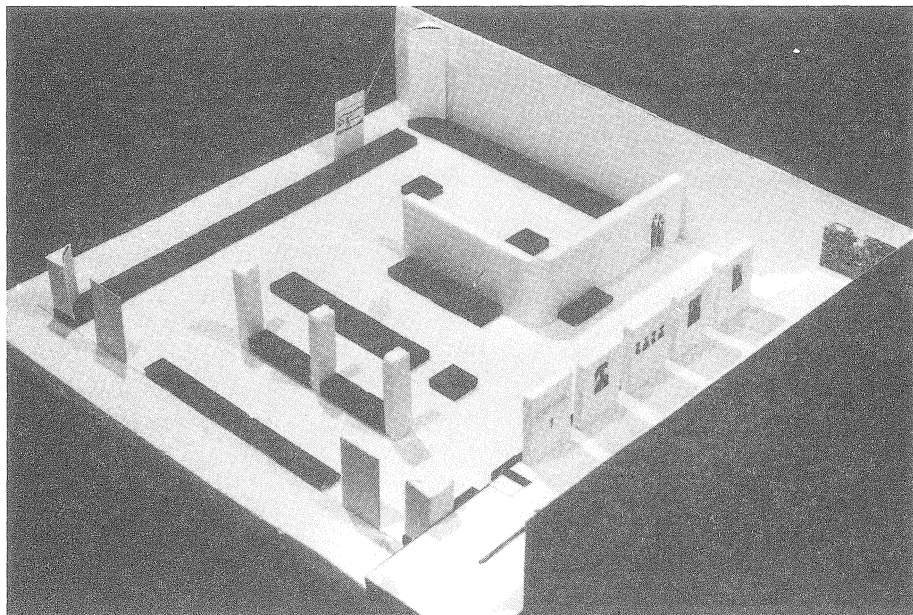


Fig. 1 — Maquete: visão superior do lado da Secção 2.0. (entrada).

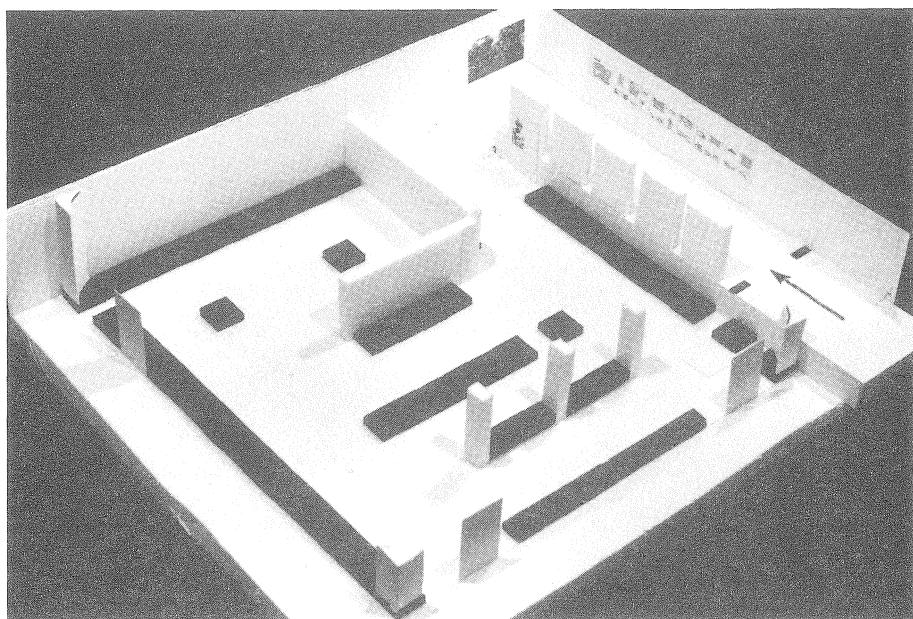


Fig. 2 — Maquete: visão superior do lado da Secção 3.0.

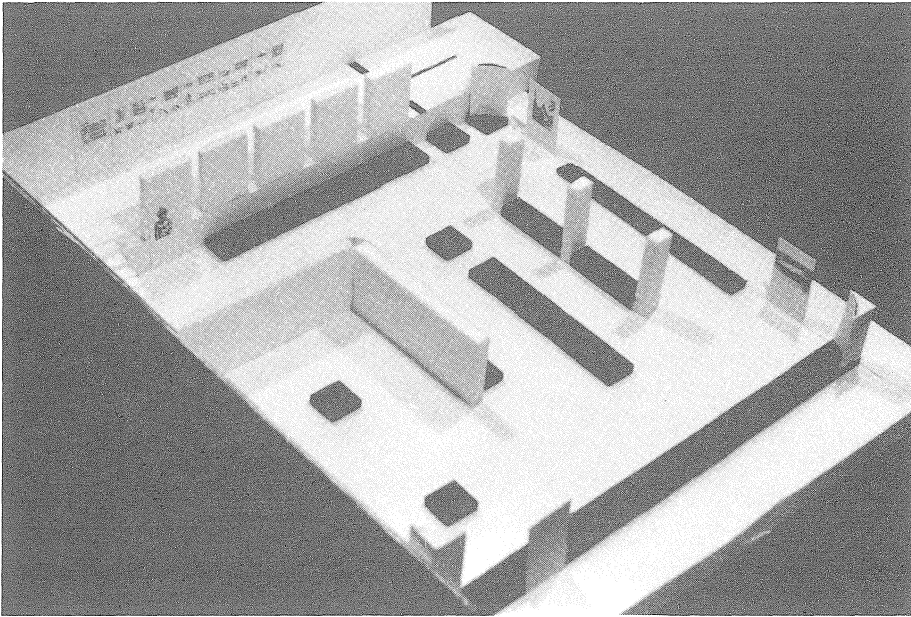


Fig. 1 — Maquete: visão superior do lado da Secção 4.0.



Fig. 2 — Entrada da exposição: à direita Sector documental, à esquerda painéis com fotografias de levantamentos antropométricos, realçadas por iluminação circular, aludindo às vigias de bordo.

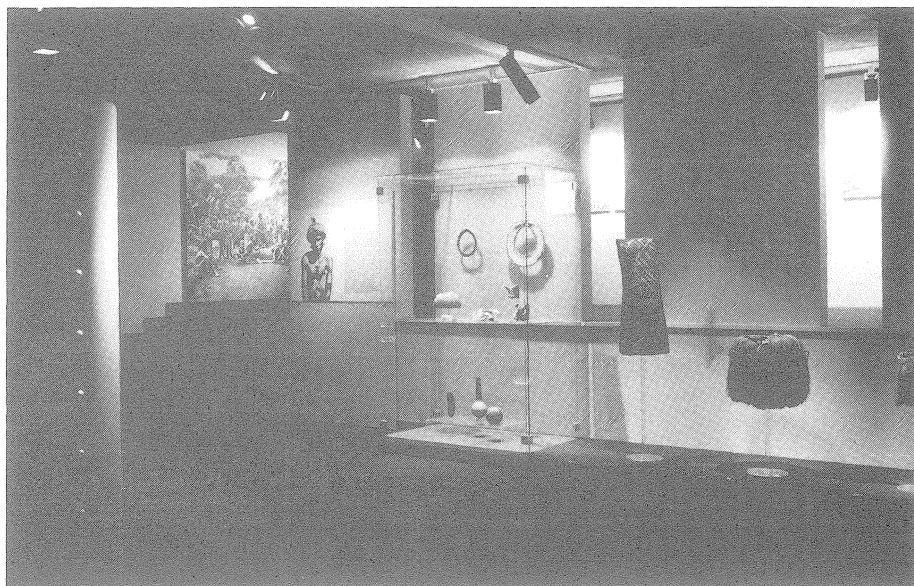


Fig. 1 — Exposição: acesso e aspecto parcial da Secção 1.0.

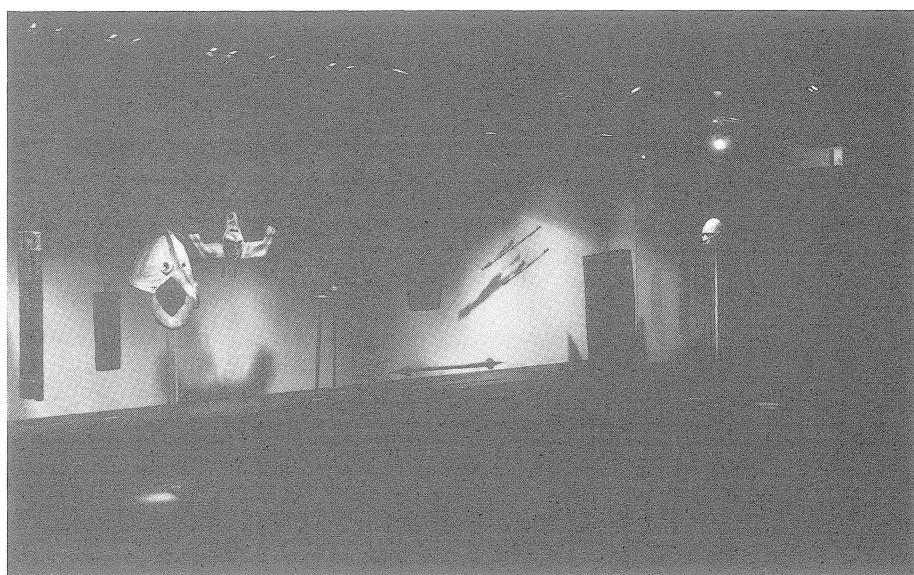


Fig. 2 — Exposição: aspecto parcial da Secção 4.0.